

ODORICO TAVARES E A ORALIDADE CANUDENSE^(*)

José Calasans

Odorico Tavares (1912-1980), pernambucano sentimentalmente identificado com a Bahia, poeta e jornalista, durante muitos anos dirigente dos Jornais e Rádios Associados em nosso Estado, cidadão de Salvador, membro da Academia de Letras da Bahia, foi presença efetiva e afetiva na vida regional. Promoveu artistas e escritores, patrocinou iniciativas culturais, falou da terra e do povo com emoção poética. É um dos brasileirosbaianos de maior relevância.

Muitos e muitos anos dedicou à cidade histórica e mágica de Tomé de Souza. Sentia a sedução mística do mar na baía de Todos os Santos. Um dia, vendo que o mar não conhecia o sertão, nem o sertão sabia do mar, conforme oração famosa de Rui, Odorico Tavares, “deixando de arranhar a costa como caranguejo”, tomou o caminho das terras do centro. Foi Euclides da Cunha que lhe indicou o roteiro, no ano cinqüentenário da guerra do Bom Jesus Conselheiro. Repórter de qualidade, já devidamente comprovado, o escritor de Timbaúba começou investigando a passagem pela Bahia do mais consagrado correspondente de guerra do século passado, o engenheiro Euclides Rodrigues da Cunha. Na sua lúcida perquirição, Odorico Tavares ouviu pessoas da família Cunha, entrevistando Arnaldo e Álvaro Pimenta da Cunha, primos do autor de **Os Sertões**, que conviveram com o inquieto correspondente de **O Estado de São Paulo**, na casa da rua da Mangueira, pertencente ao tio José (José Pimenta da Cunha), pai dos depoentes. Textos do livro consagrador e as páginas que o diretor dos Associados enviou para a revista **O Cruzeiro**, a mais destacada da época, foram incorporados à bibliografia euclidiana. “O repórter Euclides da Cunha” já representava uma achega valiosa e emocionante da passagem do ilustre escritor pela terra dos seus antepassados. Porém Odorico

(*) “Introdução” in TAVARES, Odorico. *Canudos. Cinquenta anos depois (1947)*. Bahia, Conselho Estadual de Cultura, Academia de Letras da Bahia, Fundação Cultural do Estado, 1993.

Tavares deliberou, acertadamente, dar novos passos na caminhada histórica a que se propunha.

Jogou-se para o chão calcinado de Canudos. Não fez a jornada sozinho. Encontrou companheiro admirável, um jovem fotógrafo francês, recentemente chegado ao Brasil, a quem o chefe do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o extraordinário Rodrigo Melo Franco de Andrade, depositando a maior confiança, mandara ao Nordeste para fazer fotos do nosso acervo monumental. O moço, chamado Pierre Verger, tornar-seia um dos mais notáveis conhecedores da problemática afro-brasileira. Odorico ouviu sobreviventes da tragédia sertaneja e Verger fotografou os velhos, homens e mulheres, que haviam ouvido a palavra consoladora de Antonio Vicente Mendes Maciel. A “gravata vermelha” não liquidara todos os acompanhantes do grande peregrino. Ficaram alguns para contar a história. Cá no litoral, porém, pouco sabíamos a respeito dos sobreviventes do Belo Monte. Conhecíamos a tragédia de Canudos, sobretudo, nas páginas vibrantes do livro consagrador de 1902. Era a história relatada do lado de cá. Odorico começou a contar os fatos pela ótica do jagunço, do lado de lá. Nem sei se ele próprio sentiu o extraordinário valor da sua realização jornalística.

Existia, então, a segunda Canudos. As forças do general Artur Oscar de Andrade Guimarães haviam liquidado o povoado do Vaza-Barris. Proclamou-se, naquela fase de incompreensão, que o arraial maldito devia desaparecer para sempre. Restaram, apenas, as ruínas das igrejas de Santo Antonio e Bom Jesus e o cruzeiro fincado num pedaço de terra juncado de cadáveres. *Delenda* Canudos foi a palavra de ordem dos chefes militares vitoriosos. Cinquenta anos depois da sentença destruidora encontrava-se no mesmo local, reconstruído, um pequeno e pobre povoado. Para o lugar foram voltando singulares figuras humanas que escaparam do morticínio republicano. Chegaram aos poucos. Vencidos que se tornaram vencedores. Alguns deles, oitentões, tinham porte de memória. Sabiam recordar, embora nem sempre lhes fosse agradável pensar no que viram, no sofrimento dos últimos dias da “Tróia de barro”. Odorico Tavares soube

conversar com eles. Impressionou-o, acima de todos, o velho Manuel Ciriaco. Era uma figura. Tinha talvez oitenta anos, “busto ereto como um rapaz de vinte”. Ao pernambucano entrevistador, pareceu que o ancião lembrava Clemenceau. Está assim na reportagem de **O Cruzeiro**, embora não apareça nas páginas do livro agora reeditado. Já o jagunço José Travessia, avistado quando o jornalista associado procurava a cruz levantada no possível local da morte do coronel Pedro Nunes Tamarindo, lembrava dom Quixote. Travessia, que recusou a princípio ser fotografado por Verger, porque não fizera a barba e estava feio, disse o elogio de João Abade, o comandante da rua, o chefe do povo exaltando seu denodo, “com ele não havia moleza”. Também depuseram mulheres, lembrando trabalhos prestados nas tarefas cotidianas do Belo Monte. Maria Guilhermina, no julgamento de Odorico, tinha um olhar grave, mas Idalina Maria da Conceição, octogenária, era um espírito alegre. Todos, homens e mulheres, falaram do Santo Conselheiro com respeito, das virtudes, seu modo convincente e humilde de dar conselhos a todos impressionara.

O conhecimento da vida cotidiana dos conselheiristas ganha pontos nas páginas de Odorico Tavares. E marcam, sem sombra de dúvida, um novo momento na historiografia canudense, porque é um bem colhido documentário da história oral. Sua reedição em trabalho independente do livro **Bahia - Imagens da Terra e do Povo**, editado em 1951, surge num momento oportuno, quando se vai rememorar a chegada de Antonio Conselheiro ao povoado baiano de Canudos, que ele determinou mudar de denominação para Belo Monte, nos primeiros dias de junho de 1893. Faz um século.

Depois de Odorico Tavares muitos outros pesquisadores conversaram com sobreviventes, Nertan Macedo, Luciano Carneiro, Renato Ferraz, Paulo Dantas, Abelardo Montenegro, José Figueiredo Lobo, eu próprio, alguns outros. Dir-se-ia a fase da oralidade canudense, tão importante para a compreensão do episódio sertanejo, hoje estudado e discutido. Parece-me, porém, que todos nós não podemos nem devemos olvidar o pioneirismo de Odorico Tavares. Nenhum outro

teve ensejo de ouvir tantos jagunços como ele, de divulgar nacionalmente as conversas ouvidas. A reedição de suas páginas, que o Conselho Estadual de Cultura, a Academia de Letras da Bahia e a Fundação Cultural do Estado patrocinam, é uma tarefa a merecer elogios.